

Caros membros da comunidade Educativa
do Agrupamento de Escolas da Abelheira,

Faltam, a todos, palavras que classifiquem o tempo que vivemos. É algo de único e as comparações com outros momentos do passado da humanidade, sejam distantes, sejam mais recentes, são imprecisas e não trazem nada de conclusivo.

Aproxima-se uma época que, em anos anteriores, nos habituamos a dizer festiva. Independentemente das crenças e das práticas de cada um, estas festividades têm a vantagem de nos religarem à comunidade, à família, aos amigos da forma que consideramos mais de acordo com os nossos hábitos, princípios e valores. O confinamento a que somos obrigados vai retirar-nos essa oportunidade. Em alguns casos, nem o núcleo familiar mais restrito vai estar reunido.

Os meios tecnológicos que temos ao nosso dispor vão, por certo, contribuir para atenuar esta falta. A verdade é que, por muito extraordinários que sejam, não conseguem substituir a presença viva e inteira que só o contacto pessoal permite. E temos ainda os casos em que, pela idade, pela doença, os nossos familiares não dominam esses meios e ficamos, então, ainda mais distantes.

No entanto, apesar da pressão que vivemos, desta situação limitada e limitadora, temos que encontrar forças para a suplantar e, é nosso dever social e humano, ajudar os outros a encontrar também essas forças. É necessário negar a angústia e agarrar os pequenos momentos. Como bem escreveu num delicioso poema, que transcrevo aqui quase na íntegra, esse grande poeta transmontano chamado A.M. Pires Cabral:

(...)

Ainda esta manhã. Apetecia-me
Um desses grandes sóis torrenciais
Que põem a terra em chamas
- mas era nuvens o que havia no céu.

Não me lamentei, não me arrepelei
Não rasguei as vestes, e não lacerei
As carnes quase nuas nos picos das silveiras.

Porque de quando em quando fazia-se um rasgão
Nas nuvens franjadas de ouro
Por onde assomava um retalho de azul.

E com esse azul intermitente fiz
Uma boa safra de safiras
Pensando: que diabo
O sol torrencial pode esperar.

Por isso, espero que todos ultrapássemos isto da melhor forma possível, e que, quando regressarmos à escola, sintamos a mesma alegria e sentido de

humanidade que Tonino Guerra (argumentista e poeta italiano) sentiu quando foi libertado de um campo de concentração, negando, obviamente, qualquer paralelismo simplista da nossa situação com a que ele viveu, apenas sublinhando que, mesmo nessa situação extrema, o homem manteve a sua inteireza, percepção da beleza, e dignidade humana intactas:

A BORBOLETA

contente mesmo contente
estive na vida muitas vezes
mas nunca como na Alemanha
quando me libertaram
e me pus a olhar uma borboleta
sem vontade de a comer.

Termino, desejando a todos a melhor Páscoa possível e que o mais rápido possível possamos estar juntos em carne e osso.

O Presidente do Conselho Geral,
José Carlos Sendim